

190

1519

# ÍNDIOS AMEACAM REFENS E QUEREM SOLUÇÃO PARA TERRA

▼ Perigo



Clima é tenso em Toldo do Pinhal, onde os índios fizeram quatro refêns e exigem a saída de posseiros. Polícia pode agir. No acampamento, estão 300 indígenas

/21

TELEFOTO IRINEU DALLA VALLE/DC/Seara

Ademar Simon (próximo à janela), Ademir Migliavaca, João Batista Oselane e Euclides Basso são refêns dos kaingangues



333	190							1519		3
-----	-----	--	--	--	--	--	--	------	--	---

▼ TOLDO DO PINHAL

# Situação é insustentável

**Reféns dos índios temem que haja confronto entre nativos e polícia e que eles viam escudo humano**

**Sem solução**

**PAULO ÉDSON PAIM**  
 Seara

O clima de tensão no Toldo do Pinhal é insustentável. Os índios kaingangues mantêm os quatro reféns - Ademar Simon e Euclides Basso, do Incra, e João Batista Oselane e Ademir Migliavaca, da Funai - exigindo uma solução imediata para o problema da terra, que já se arrasta há três anos. Ontem à tarde, a notícia da chegada de 30 agentes da Polícia Federal agitou o acampamento onde estão concentrados mais de 300 nativos dos três estados do Sul. A informação era de que os policiais iriam retirar a força os reféns do cativo.

Os indígenas se prepararam para o confronto. Até o final da noite, a operação não havia se consumado. A PF foi designada pela Justiça para resolver o caso.

Incomunicáveis, os quatro reféns estão se alimentando precariamente. Incra e Funai dizem não negociar com os índios enquanto os prisioneiros não forem soltos. A posição é da direção nacional dos dois órgãos. Os kaingangues contrapõem com a alegação de que se os dirigentes forem liberados, o problema continuará insolúvel. A Polícia Militar está com as entradas do Toldo fechadas. Só entram os moradores e a imprensa. Se não houver uma ação política, o conflito é praticamente inevitável. "O presidente do Incra é de uma inflexibilidade apavorante", reage Jussara Rezende, do Conselho Indígenista Missionário, ao ser informada de que Nestor Peters não quer contato com os kaingangues no atual contexto.

**VIGILIA** - O dia de ontem



Índios mantêm incomunicáveis os representantes da Funai e do Incra e exigem solução rápida para o Toldo

amanheceu pesado no acampamento - os nativos passaram boa parte da noite em vigília. No início da manhã, o cacique João Gonçalves Myn se encontrou com os reféns na escola, onde estão presos. Pouco diálogo e o pedido quase desesperado do superintendente do Incra, Ademar Simon, para que Gonçalves os deixassem sair e fossem juntos negociar em Chapecó. A negativa foi imediata. Euclides Basso não dormiu e teve de fazer exercícios físicos durante a madrugada para diminuir a tensão. Oselane está com olheiras, resultantes de noites mal-dormidas e medo de conflito. Migliavaca fala só o necessário. Está nervoso e casado. Simon é quem tenta negociar com os irredutíveis kaingangues.

Quando Gonçalves ia sair da sala, Simon ainda insistiu e tomou uma atitude emocionada. "Cacique, eu vou lhe mostrar um documento". O líder indígena virou-se para Simon, pensando que o papel fosse algo sobre o Toldo. "Eu estou de aniversário, fazem

do 48 anos e meus filhos estão me esperando", contou em lágrimas. "Eu não mereço pelo menos um bolo?". A resposta foi seca. "Merece, disse Gonçalves, mas de cinza". "Eu tenho dois filhos, que serão crismados amanhã (hoje)", explicou Simon. "Eu também tenho filhos e os nossos problemas são maiores", retrucou Gonçalves.

**JANELA** - Fechados, os quatro reféns só olham pela janela. Dormem os quatro em apenas dois pequenos colchões, e cobrem-se com modestos cobertores. O almoço de ontem foi arroz com galinha. Mas não há mais carne. O cansaço e a tensão aumentam a cada hora sem solução. Sonham em estar em liberdade. Mas temem que as portas da escola Nova Brasília, onde estão presos, sejam abertas para irem na frente da tribo, usados como escudos, para um confronto com a polícia. "A situação é muito difícil e temos medo de sermos agredidos fisicamente", confessa Simon.



Ademar Simon (sentado) faz apelo e não é atendido

**Famílias vivem clima tenso e de expectativa**

As famílias dos quatro reféns do Toldo do Pinhal vivem entre a tensão, a expectativa e o medo. Euclides Basso, do Incra, e Ademir Migliavaca, da Funai, estão sob a guarda dos kaingangues há quatro dias, sendo que incomunicáveis há 48 horas. O superintendente do Incra, Ademar Simon, e o funcionário da Funai, João Batista Oselane viraram refém há dois dias. Os quatro homens estão desgastados, cansados, nervosos e sem nenhuma informação sobre as tratativas para suas libertações. A impossibilidade de comunicação é o que mais os atormenta.

Em Chapecó, as famílias de Basso, Migliavaca e Oselane intensificam contatos com Incra e Funai e ficam tomadas de pavor com as notícias de que a Polícia Federal - ou até mesmo a PM - vai invadir o toldo e libertar os prisioneiros. "Se a polícia for, a gente não sabe o que pode acontecer", diz Elaine Oselane, mulher de João Batista, que foi em companhia de Simon conversar com os índios e também acabou retido. "Eu queria enviar roupas para o João Batista", diz emocionada. "Estou vivendo tensa, preocupada", explica ao afirmar que tem tido poucas informações sobre as tratativas para o fim do impasse. "Estamos rezando para o Ademir e para que tudo saia bem", resumiu Ademir Migliavaca, irmão de Ademir.

Querendo desesperadamente saber notícias do marido, o executor do Incra, Euclides Basso, Carmem Basso diz estar esperando "um retorno do pessoal da Funai em relação ao desfecho". Ela hesita ao falar sobre o futuro de Basso a frente do órgão. "Não posso fazer uma análise. Ainda não parei para pensar". Temendo a possibilidade de que a permanência do dirigente no cativo se estenda por muito tempo, ela revela o medo de um conflito entre índios e policiais.